

POLÍTICA ECONÔMICA

O ministro assumiu a Fazenda em uma situação de emergência, com a queda de Antonio Palocci. Mas, ao completar um ano no cargo, consolida a mudança da linha econômica com mais gastos e críticas aos juros

Economia Brasil

A nova era Mantega

RICARDO ALLAN

DA EQUIPE DO CORREIO

Se em comemorações ou lamentos — nem do mercado nem do governo —, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, completa na terça-feira um ano no cargo. Retirado da presidência do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e alçado ao ministério no fim de um desgastante processo de queda do seu antecessor, Antonio Palocci, Mantega vem tentando imprimir uma marca pessoal à política econômica.

Assumiu desacreditado, com especulações de que teria um mandato-tampão. Mas, aos poucos foi ocupando espaço e ampliando influência. Hoje é dada como certa sua permanência no segundo mandato. Marcou seu primeiro ano como ministro, na avaliação de economistas, pela mudança na linha econômica com aumento dos gastos, críticas aos juros altos e foco na busca de um crescimento mais rápido.

Numa análise fria dos números da era Mantega, a maior parte dos indicadores está numa situação melhor neste momento do que há um ano (veja quadro abaixo). De acordo com os números revisados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia cresceu 2,9% em 2005, último ano completo da gestão Palocci. O número de 2006 só vai ser divulgado na quarta-feira, mas está estimado em 3,5%. Palocci, porém, ainda ostenta a maior taxa de expansão em uma década, a de 5,7% conseguida em 2004.

Nos últimos 12 meses, o desemprego ficou praticamente estável, a inflação caiu, o resultado final das contas públicas e da dívida melhorou e a carga tributária cresceu. Todos os indicadores ligados ao setor externo apresentam desempenho bem melhor, em especial o superávit comercial e as reservas internacionais, que já chegam a US\$ 107 bilhões. A cotação do dólar caiu 5,5%. O real forte trabalha em favor da contenção dos preços, mas eleva as importações, prejudicando a indústria nacional.

Breno Fortes/CB - 3/7/06



ESTOU MUITO SATISFEITO. O BRASIL ESTAVA CRESCENDO MAIS DO QUE IMAGINÁVAMOS E JÁ ESTÁ NA ROTA DO CRESCIMENTO SUSTENTÁVEL

Guido Mantega, Ministro da Fazenda, na quarta-feira, sobre a revisão do PIB pelo IBGE, que elevou o crescimento de 2005 de 2,3% para 2,9%.

Ajuda geral

É difícil saber até que ponto a melhora geral é consequência direta da atuação de Mantega. “Depois da mudança no comando da Fazenda, a situação da economia melhorou muito. Mas isso é resultado da política austera do Palocci e do ótimo momento da economia mundial, que permitiu o câmbio se estabilizar, as reservas explodirem e os juros caírem. Por isso, é muito difícil julgar o desempenho do primeiro ano de Mantega”, avalia o economista Raul Velloso. Nos últimos 12 meses, o Banco Central (BC), comandado por Henrique Meirelles, desafeto

do ministro, baixou os juros de 16,50% ao ano para 12,75%.

Para Velloso, o cenário permitiu até que o governo aumentasse as despesas e reduzisse o superávit primário (economia para pagar juros da dívida pública) sem causar tumulto no mercado. Os gastos federais subiram 14% em 2006 e a meta de superávit foi reduzida, na prática, de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB) para 3,75% com o aumento dos investimentos públicos previstos no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Apesar da frouxidão fiscal, Velloso acredita que Mantega não chegou a prejudicar a economia. “Como

não comprometeu, pode-se dizer que passou no teste”, afirma.

O economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas, acredita que Mantega se mostrou um bom administrador. “Sua marca é a de um técnico que faz os projetos andar. Ele deu continuidade às coisas boas e é mais operacional do que o Palocci, que era mais político”, diz. Para Freitas, houve uma inflexão na política econômica em favor de ações que possam levar ao crescimento. Ele cita a adoção do PAC, as desonerações tributárias, as medidas para baixar os juros bancários, ajudar

os setores mais prejudicados pelo câmbio e impulsionar investimentos públicos e privados.

Mantega não fez mais, opina Freitas, porque não tem nas mãos o principal instrumento da política econômica, que é a administração de juros e câmbio, a cargo do BC. Além disso, assuntos com alto teor político, como as reformas tributária e previdenciária, estão além de seu alcance. Freitas acredita que não é possível atribuir o baixo crescimento à sua atuação, mas sim à política monetária do BC, que resultou em juros reais médios de 11,6% em 2006. “Palocci não tinha uma

agenda de crescimento. Mantega não é o tipo de ministro que vai ser aplaudido pelo mercado, mas tem uma agenda”, diz.

Equilíbrio

Ex-diretor do BC, Freitas acredita que as coisas agora estão mais equilibradas entre a necessidade de controlar a inflação, defendida pelo BC, e a urgência de fazer o país crescer, cuja bandeira é da Fazenda. Ao longo dos últimos 12 meses, Mantega tem reclamado em alto e bom som das taxas de juros, que deixaram a inflação abaixo da meta de 4,5%, mas sacrificaram a economia. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva, porém, tem dito que não vai mexer na política econômica. Tanto que vem emitindo sinais de que Mantega e Meirelles serão mantidos na condução da economia no segundo mandato.

“Às vezes até inconscientemente, Mantega dá claros sinais de que se sente desconfortável com as posições do BC e de que gostaria de mudar a política monetária. Mas Lula sabe que ela ajudou a elegê-lo, ao conter a inflação, aumentando a renda e o consumo dos trabalhadores. Por isso, a política nem mudou e nem vai mudar. O ministro já percebeu”, avalia o economista Mailson da Nóbrega, sócio da consultoria Tendências e ex-ministro da Fazenda. Para ele, a principal marca de Mantega no cargo foi, na verdade, uma contribuição negativa para o crescimento do país: a redução do superávit primário.

Do tripé de sustentação da economia, formado por câmbio flutuante, equilíbrio fiscal e metas de inflação, só a parte fiscal, a cargo da Fazenda, foi afrouxada. Na visão de Mailson, o governo deveria reforçar o ajuste das contas, permitindo uma maior redução da dívida como proporção do PIB, o que abriria espaço para uma queda mais acentuada dos juros. Segundo o economista, as ações de Mantega deram ao ministério uma feição desenvolvimentista típica dos anos 70 e nada moderna. “Risco mesmo ele ofereceria se conseguisse interferir nas decisões do BC, mas isso está fora de cogitação”, acredita.

RETRATO DA ECONOMIA DE PALOCCI A MANTEGA

Indicador*	Fim da Era Palocci	1º ano da Era Mantega
Inflação	5,38%	2,98%
Crescimento do PIB**	2,9%	3,5%
Desemprego	9,2%	9,3%
Superávit primário	4,37% do PIB	4,79% do PIB
Déficit nominal	3,98% do PIB	2,64% do PIB
Dívida federal interna	R\$ 1,010 trilhão	R\$ 1,088 trilhão
Relação dívida/PIB	51,68%	49,66%
Dívida pública externa	US\$ 82,641 bilhões	US\$ 75,543 bilhões
Superávit das contas externas	1,63% do PIB	1,46% do PIB
Superávit comercial	US\$ 45,364 bilhões	US\$ 45,835 bilhões
Cotação do dólar	R\$ 2,18	R\$ 2,06
Reservas internacionais	US\$ 60 bilhões	US\$ 107 bilhões
Juros (Selic)	16,50%	12,75%
Carga tributária	37,37% do PIB	38,20% do PIB***

\*Os indicadores de inflação, superávit primário, déficit nominal, superávit das contas externas e superávit comercial dizem respeito aos 12 meses acumulados no momento da saída de Palocci e hoje. Todos os indicadores são os últimos disponíveis no momento da substituição e hoje.

\*\*Novo cálculo do IBGE para 2005 e estimativa para 2006

\*\*\*Estimativa de tributaristas

Fontes: Banco Central, IBGE e Receita Federal